

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Rafael Silva Camilo

Os movimentos sociais no Brasil: reflexão e moral civil.

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Raul Magalhães

Juiz de Fora
2016

Os movimentos sociais no Brasil: reflexão e moral civil.

THE BRAZILIAN SOCIAL MOVEMENTS: REFLECTION AND CIVIL MORAL

Rafael Silva Camilo

RESUMO

Este presente trabalho reflete sobre democracia e moral cívica no Brasil. E o papel que os movimentos sociais exercem sobre esses fenômenos. Com uma leitura de clássicos da sociologia clássica e brasileira para evocar a trajetória democrática, a trajetória brasileira e a trajetória de dominação do poder e entende-las. E desta forma, propor o fortalecimento dos movimentos sociais no Brasil a título de moral cívica brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: moral cívica brasileira. Democracia. Movimentos Sociais, dominação de poder.

ABSTRACT

This article reflects about the Brazilian democracy and the paper that the social movements have. With a reading of classical from sociology and Brazilian studies to get the trajectory from the power, from Brazilian and from the democracy. To understand them and take the social movements up by Brazilian civil moral.

KEYWORDS: civil moral. Democracy. Brazil. Social movements. Power dominion

1. INTRODUÇÃO

Tem sido comum no Brasil a opressão dos movimentos sociais pelo Estado através do uso de violência para dispersar multidões e conter aqueles que insistem em lutar. Silenciando as manifestações populares e transformando-as em verdadeiros campos de batalha. Porque o Estado exerce atualmente essa função? -Parece que ninguém se propõe a essa pergunta. Ora, se o Estado tem que conferir aos cidadãos os direitos porque ele está contra os manifestantes? Este presente trabalho tem como objetivo mostrar que o Estado está, na verdade, suprimindo os movimentos sociais como uma forma de omissão de dever do próprio Estado. E, em vez de observar as demandas e estudá-las, está tentando esconder todas elas, para quais ele não se interessa, do campo da política. E conduzir essa última através de especulações que permitam que essa siga o trajeto que interessa aqueles que compõem o poder. E defender que, claro, o Brasil não vive uma democracia social, e clarear essa trajetória diante a atual conjuntura.

Essa reflexão é fundamental para o campo da política no Brasil. Pois o brasileiro sabe bem que o poder está dominado, porém ao invés de optarem pela solidariedade social e através dela conquistar a manutenção da vida social. O brasileiro está cada vez mais se desligando da moral cívica para dar lugar a uma espécie de moral individual. Como se a moral cívica fosse ineficiente para obter um aprimoramento da vida.

Três segmentos coercitivos ganham destaque contra o brasileiro: 1- a obscuridade sobre as demandas sociais, que impede a visualização delas adequadamente; 2 - Instituições, quais são falhas, insuficientes, mal administradas, as vezes até inexistentes; 3 - Consciência Coletiva, a não solidariedade social do brasileiro, moral cívica seletiva ao brasileiro. O que praticamente impede a promoção da democracia. Logo é notória a necessidade de qualquer luz para este campo, pois é através deste que a moral cívica é exercida e o cidadão propõe-se a reflexão. No sentido em que o indivíduo incorpore a luta política a favor das instituições nacionais, sua manutenção e ampliação.

Mas enquanto o campo da política permanecer na obscuridade, os cidadãos serão oprimidos de todas as formas possíveis e não conseguirão obter as deliberações devidas. Pois sem a visualização das demandas sociais é impossível que qualquer forma de deliberação recíproca a necessidade social ganhe corpo. Até aqueles que estão diante aos fatos sociais mais verticais e diante as necessidades de mudanças institucionais fundamentais não estão conseguindo obter voz e apontar os problemas. Por vezes, brasileiros médios têm criminalizado a pobreza, como se eles tivessem culpa de terem nascidos ali, onde não há qualidade nenhuma de

vida. É uma questão de sorte, o Estado deve ser universal dentro seu território, não pode ser seletivo, e deve incorporar todas as demandas sociais em suas deliberações, principalmente aquelas vinculadas ao aprimoramento da vida social, tal como educação, saúde, moradia, esporte e lazer, que são fundamentais para obter uma vida regrada.

Porém não é bem desta forma que operam as instituições nacionais atualmente, há um deterioramento progressivo arruinando com elas, ficando cada vez mais obsoletas. Não proporcionando ao brasileiro uma coerção adequada.

Obviamente os setores mais frágeis socialmente que estão mais suscetíveis a este mal, sucumbem cada vez mais e não conseguem formas de ascensão social. Elucidando o declínio das instituições e tão logo o descrédito com o Estado entre aqueles que conseguem observar essas demandas (necessidades), seja pela observação ou seja pela própria realidade abrupta.

O que mostra a importância da solidariedade entre os oprimidos para juntos obterem uma visualização perante o restante da sociedade. O que acontece nos movimentos sociais, onde várias massas se unem para juntar força e contestar das deliberações públicas. Além de desempenhar o papel de locutor da realidade como ela é (coerção vertical e opressora) tanto para o corpo político quanto para aqueles outros indivíduos que não tem a visualização adequada dessas demandas. A sociedade deve estar sempre atenta a esses movimentos e obter a reflexão adequada sobre suas respectivas demandas. A não visualização adequada vai acabar por legitimar a opressão do Estado sobre os já oprimidos, e com isso silenciá-los socialmente. O que vai favorecer a manutenção do poder pela elite e a ruína das instituições sociais, numa trajetória que não democrática, exclusiva e seletiva. Por isso os movimentos sociais cumprem um papel importante na sociedade: além deles apresentarem as demandas sociais são eles que representam a resistência contra a mal administração do Estado exigindo o seu aprimoramento. Dois papéis fundamentais de extrema importância em um regime democrático.

2. DESENVOLVIMENTO EM TRÊS TEMPOS

2.1 Devaneio Social

“uma última razão que impede que se meça o grau de individualismo de um país pelo desenvolvimento alcançado pelas faculdades de reflexão é o fato de que o individualismo não é uma teoria; ele é da ordem da prática, não da especulação. Para que ele se realize, deve afetar os costumes, os órgãos sociais, e as vezes ocorre ele dissipar-se inteiramente, por assim dizer, em devaneios especulativos, em vez de penetrar a realidade e suscitar para si o corpo de práticas e instituições que lhe seria adequado.[...] Assim, a história parece mesmo provar que o Estado não foi criado e não tem simplesmente o papel de impedir que o indivíduo não seja perturbado no exercício de seus direitos naturais, mas é o Estado que cria esses direitos, organiza-os e torna-os realidades. E, com efeito, o homem só é homem porque vive em sociedade. Retire-se do homem tudo que é de origem social e não restará mais do que um animal análogo a outro qualquer” (DURKHEIM, p.83-84)

O que proporcionou a evolução da vida do homem foi este ter obtido uma vida social, através da qual conquistou direitos e deveres. Porém, o domínio do poder por poucos tem favorecido pouco a vida social e a ascensão do brasileiro. Causando um impacto negativo para com a moral cívica deste mesmo - o que explica os votos de protestos em palhaços para deputado por exemplo*, ou votos em deputados neofacistas* e outras coisas bizarras -. Mas o que importa, e que deve ser ressaltado, é que a vida é social, não individual, que o avanço desta se dará quando o cidadão cumprir seu dever. Que não é só votar, colocar seu candidato no poder e supervisioná-lo. Mas é obter uma reflexão sobre todas as demandas da sociedade e entender a necessidade delas, para assim, não votar em um candidato seu, individual, mas em um candidato para a sociedade. Que sabe das necessidades sociais e as estudadas a título de obter resultado positivo como resposta.

“A democracia nos aparece então como a forma política pela qual a sociedade chega a mais pura consciência de si mesma. Um povo é tanto mais democrático quanto mais considerável o papel que a deliberação, a reflexão, o espírito crítico desempenham no andamento dos assuntos públicos.”(DURKHEIM, p.124)

O cidadão precisa obter uma boa leitura das demandas sociais e também desempenhando uma reflexão crítica sobre as deliberações públicas e acompanhando-as a caráter de moral cívica para não se deixar convencer por discursos falsos que não contemplam a realidade. A partir deste ponto o Estado deverá seguir

essa moral pois a qualquer deslize os cidadãos deverão estar atentos e solidários pela mesma clausura e poderão se manifestar contra as deliberações do Estado caso seja conveniente. Impedindo que os governantes governem por motivações particulares ou de grupos menores que não compõe a mesma trajetória do povo brasileiro.

“A partir do momento em que o povo se coloca as mesmas questões que o Estado, o Estado, para resolvê-las não pode deixar de lado o que o povo pensa.”(DURKHEIM, p.114)

O povo precisa mesmo estar refletido e organizado. Assim, em regime democrático, o Estado não vai obter espaço para especulações. Terá que realizar a vontade pública. Essa é a base para uma democracia social.

Portanto sabemos que o Brasil não está bem nesta trajetória. O campo da política passa por uma espécie de tabu, tem profundas inconsistências nas quais raramente emergem aos olhos do brasileiro. Resultando em um campo especulativo que em grande parte é preenchido por ideologias exclusivas, particulares, nas quais não promovem uma reflexão adequada sobre a realidade do brasileiro. Deixando esse campo extremamente obscuro. No passo que ele seja pouco refletido, ele ainda mais é difundido na Sociedade e incorporado na Individualidade através não só pela mídia, mas por todos os outros segmentos da vida social.

O que aparece como um verdadeiro devaneio social, pois a sociedade, de alguma forma, está se projetando ideologicamente dispersa, para diversos lados, muitas vezes até opostos, incorporando uma moral cívica seletiva. E com isso, tão logo, a política também será, sem continuidade e sem flerte com a democracia, o que dificulta o brasileiro a dar credibilidade a própria ideia de democracia, pois como é dito que seja democrático o sistema e este seja como tal, totalmente especulativo e sem avanços sociais, acreditam que essa (a Democracia) seja inviável, favorecendo as ideologias particulares e exclusivas. Indo contra a máxima de Darcy:

“O surgimento de uma etnia brasileira, inclusiva, que possa envolver e acolher a gente variada que aqui se juntou, passa tanto pela anulação das identificações entre as várias formas de mestiçagem, como os mulatos (negros com brancos), caboclos (brancos com índios) ou curibocas (negros com índios). Só por esse caminho, todos eles chegaram a ser uma gente só, que se reconhece como igual em alguma coisa tão substancial que anula suas diferenças e os opõe a todas as outras gentes. Dentro do novo agrupamento, cada membro, como pessoa, permanece inconfundível, mas passa a incluir sua pertença a certa identidade coletiva.” (RIBEIRO, 2015, p.119-120)

Essa seletividade da moral cívica incorporada por ideologias exclusivas impede a consolidação da identidade brasileira como um único corpo civil. E faz dele, na verdade, um amontoado de ideologias e aspirações divergentes.

“Quanto mais as sociedades são amplas, complexas, mais elas têm necessidade de reflexão para se conduzir. A rotina cega, a tradição uniforme não podem servir para regular o funcionamento de um mecanismo mais delicado. Quanto mais complexo se torna o meio social, mais ele se torna móvel; é preciso, portanto, que a organização social mude na mesma medida.”(DURKHEIM, p.125)

Os movimentos sociais atualmente exercem a função de apontar as mudanças da sociedade de setores populares, mas é verdade que, esses movimentos não estão obtendo a visualização adequada e estão sendo oprimidos e silenciados por especulações exclusivas, quais não contemplam a realidade do brasileiro. Impedindo que tracem sua própria trajetória política e impossibilitando-os de obterem as deliberações devidas (relativas as mudanças). O que torna a vida social um verdadeiro devaneio social para os brasileiros, onde os próprios cidadãos estão excluídos de sua trajetória política e não tem mais perspectiva de superação desses obstáculos na vida social. Tornando a própria moral cívica do brasileiro algo próximo da utopia, sem perspectiva coletiva. É necessário que este campo ganhe luz e ilumine a visualização dos cidadãos para impulsionar a reflexão pública sobre a realidade. De modo que as especulações percam corpo e deem lugar as necessidades sociais dos brasileiros. Para que, com isso, a moral cívica do brasileiro deixe de ser uma utopia e se torne um dever de todos os brasileiros, de forma inclusiva e solidaria.

2.2 Devaneio político

Na primeira parte do trabalho propus uma reflexão diante a necessidade da manutenção da moral cívica do brasileiro. E o que aparece como um determinado impasse à democracia no Brasil é a má administração pública que impossibilita que as demandas sociais emergam à luz da sociedade. E que com isso a

trajetória política se dá através de devaneios especulativos que favorecem a manutenção do poder por setores da elite.

"The 'strength' of a political 'personality' means, in the first place, the possession of these qualities of passion, responsibility, and proportion.

Therefore, daily and hourly, the politician inwardly has to overcome a quite trivial and all-too-human enemy: a quite vulgar vanity, the deadly enemy of all matter-of-fact devotion to a cause, and of all distance, in this case, of distance towards one's self" (WEBER, 1946, p. 116)

Para Weber a política deve ser exercida por vocação, isto é, através de três qualidades: paixão, responsabilidade e proporção. Porém, aponta para um perigo que já assombrava a administração pública de sua época: políticos por vaidade. Quais se apossavam do poder público apenas por status social e não como um representante da providência pública. O que, seguindo o raciocínio do autor, chega a ser um pecado político.

"He works with the striving for power as an unavoidable means. Therefore, 'power instinct' as is usually said, belongs indeed to his normal qualities. The sin against the lofty spirit of his vocation, however, begins where this striving for power ceases to be objective and becomes purely personal self-intoxication, instead of exclusively entering the service of 'the cause'. For ultimately there are only two kinds of deadly sins in the field of politics: lack of objectivity and -often but not always identical with it- irresponsibility. Vanity, the need personally to stand in the foreground as clearly as possible, strongly tempts the politician to commit one or both of these sins." (WEBER, 1946, p. 116-117)

É pecado porque essa estirpe de políticos trabalha por motivações vazias que inviabilizam a efetuação de deliberações objetivas. Onde essas motivações de grupos particulares e pequenos suprimem a motivação social. Favorecendo ao declínio da vida social desses grupos cuja realidade se distanciam daquelas vividas pelos governantes.

"His lack of objectivity tempts him to strive for the glamorous semblance of power rather than for actual power. His irresponsibility, however, suggest that he enjoy power merely for power's sake without a substantive purpose.[...] The mere 'power politician' may get Strong effects, but actually his work leads nowhere and is senseless. (Among us, too, an ardently promoted cult seeks to glorify him.) In this, the critics of 'power politics' are absolutely right. From the sudden inner collapse of typical representatives of this mentality, we can see what inner weakness and impotence hides behind this boastful but entirely empty gesture. It is a product of a shoddy and superficially blasé attitude towards the meaning of human conduct; and it has no relation whatsoever to the knowledge of tragedy with which all action, but especially political action, is truly interwoven." (WEBER, 1946, p. 116-117)

O que mostra quão irresponsáveis e inadimplentes são esses políticos pois no passo que não contemplam a realidade e a sociedade, ainda tem uma postura vazia e sem objetividade nenhuma. Obtêm o poder apenas por tê-lo, por puro blasé. O que repercute efeitos maiores que a sua inconsequência e até de seu conhecimento pois na verdade são fanfarrões da elite que detém o poder enquanto na verdade quem vive a realidade de seus atos políticos estão bem longe da consciência deles, são pobres e carentes de amparo social.

"Today we do not take a stand on this question. I state only the purely conceptual aspect for our consideration: the modern state is a compulsory association which organizes domination. It has been successful in seeking to monopolize the legitimate use of a physical force as a means of domination within a territory. To this end the state has combined the material means of organization in the hands of its leaders, and it has expropriated all autonomous functionaries of estates who formerly controlled these means in their own right. The state has taken their positions and now stands in the top place." (WEBER, 1946, p. 82-83)

O problema se intensifica a ver que o uso da força pelo estado é delegada a esses políticos e não a uma instituição séria e legítima da vontade pública. O que coloca o povo em cheque pois só o Estado pode utilizar da violência sem represálias legais e este se encontra numa trajetória que não a mesma do povo. Visto que, na verdade, os líderes políticos são verdadeiros fanfarrões por serem vazios de objetividade e cheios de vontade de poder (vontade qual inclinam suas motivações). Logo, esses políticos usam da truculência estatal para seus fins, que são absolutamente vazios e exclusivos, obsoletos para a sociedade que necessita de deliberações inclusivas socialmente. Por outro lado, são objetivos para a manutenção do poder. O que não é errado concluir que a força violenta do estado serve mais para a dominação do poder do que para os dominados, o povo. O que é uma verdadeira incoerência na qual é inadmissível em qualquer regime democrático.

“Quem pode pensar sem as massas, sem que se possa dar ao luxo de não pensar em torno delas, são as elites dominadoras, para que, assim pensando, melhor as dominem. Dai que, o que poderia parecer um dialogo destas com as massas, uma comunicação com elas, sejam meros 'comunicados', meros 'depósitos' de conteúdos domesticadores. [...] Por isto é que a única forma de pensar certo do ponto de vista da dominação é não deixar que as massas pensem, o que vale dizer: é não pensar com elas.” (FREIRE, 1970, p. 153)

Freire em a Pedagogia do Oprimido já verificava essa posição vertical do Estado para com as massas sociais. Onde uma minoria compõe uma elite dominadora e autoritária. E o restante do povo, a imensa maioria não passam de dominados que no final vão acabar por servir os dominadores. Pois esses, diante o controle do Estado, vão sempre apontar as instituições a favor de seus objetivos que, voltando em Weber, “são apenas direcionados para a causa do poder sem uma proposta concreta”. Tornando o Estado nada mais que um objeto de dominação. Vai estar sempre contra a libertação do povo, pois na mesma medida em que o povo se liberta, o poder da elite se esvai. Logo o definhamento das instituições sociais é algo evidente, e o ideal de Democracia, força popular, sejam nada além de ideologias, pois é desta maneira que serve ao poder. O que Durkheim chamara outrora de devaneios especulativos: ideias e discursos que não tangem a realidade dos fatos sociais.

2.3 Perspectiva cultural

Dada a dificuldade do brasileiro em obter avanços na vida social por não obter clareza e objetividade das demandas sociais. Pode-se logo concluir que este precisa esclarecer suas necessidades, suas demandas para a vida social. O que pensam e aspiram quanto as deliberações públicas. O problema é que grande parte da sociedade, apesar de brasileiros, negam a moral cívica brasileira. Embaçando a perspectiva moral do brasileiro. O que ainda é intensificado ao ter em vista que os governantes estão no poder por status e não vocação. Esses dois fenômenos fazem da vida social brasileira um verdadeiro devaneio social, no passo que não há unidade social não há uma moral cívica constituída hábil para uma democracia social. O que favorece a dominação do poder público brasileiro por indivíduos com motivações que não democráticas. E permitindo que as políticas sejam cada vez mais verticais. Porém ainda há grupos que aspiram por avanços da vida social através da reflexão e solidariedade. O que pode-se conferir em movimentos sociais. Os movimentos sociais, são aqueles que diante ao infortúnio do estado, da má administração pública, ou da conspiração do poder para o capital privado, não aceita, e quer questionar. Quer que seja debatida tal deliberação. Porém o que o Estado faz atualmente, como visto anteriormente, é silenciar essas reivindicações e manter o assunto proposto a ser revisto debaixo dos lençóis, na obscuridade, aonde o olho do brasileiro não enxergará. E, desta forma, a democracia vai sendo assassinada como se ninguém tivesse vendo. Deixando uma espécie de aflição entre aqueles que conseguem observar esses fatos. Deste sentimento que surge os movimentos sociais: é do compartilhamento desse sentimento de aflição que surge a motivação para a reflexão política adequada. É ele que alimenta a resistência contra a dominação e verticalização da política e pede mudanças, e para isso deve-se sempre refletir. A prova que o Estado não quer que o povo reflita é o silenciar forçado desses movimentos. São os últimos brasileiros que restaram que ainda suspiram motivados pela unidade coletiva brasileira. O que é mais legítimo democraticamente possível e que muitas vezes está sendo visto como movimentos negativos para a sociedade, como subversivos ou algo degradador. O que não é verdade: esses movimentos são nocivos, na verdade, aos dominadores somente.

Em dezembro de 2015, o Ministério da Cultura ao reconhecer esses movimentos emergentes que ainda traziam aspirações solidarias que resistiam contra o próprio Estado, reconhecendo a situação emergencial na qual se dava as necessidades desses grupos. Organizou um congresso de sete dias para reunir, debater e organizar esses movimentos. Que iam desde a luta ambiental à luta sócio-política. Mais de quinze mil militantes estavam, durante esses dias, acampados no Museu Nacional Quinta da Boa Vista no bairro de São Cristovam no Rio de Janeiro, no quintal da antiga casa do D. Pedro II. Haviam ônibus gratuitos que levavam todos eles para a Lapa, centro do Rio, onde acontecia conferencias, palestras e mesas de debate sobre todos os assuntos que a rua ainda suspirava, como a legalização do cultivo de cannabis (com a presença de coletivos uruguaios e bolivianos que apresentam essa mesma luta porem em países diferentes e conjunturas também diferentes) a fim de refletir sobre como a política antidrogas afeta na vida social dessas pessoas. O mais interessante é que uma das militantes que defendia o fim da guerra antidrogas nem mesmo é usuária, ela não milita pela cannabis, mas sim pelo fim do extermínio da sociedade preta e pobre, ela, moradora do complexo da maré, teve irmão, amigos e outros familiares assassinados sem justificativa- isso se é mesmo justificável- convivem com tanque de guerra

em suas ruas e vivem diante ao fogo cruzado. E ela sabe que tudo isso é porque há um comércio clandestino milionário qual o Estado insiste em combater através de militares e tática de guerra. É uma guerra sem perspectiva de fim, morre militar, morre paramilitar, morre civil.

Havia também, claro, militantes de movimentos feministas, indígenas, camponeses, educadores, artesanais. E estavam todos ali juntos. Nas conferências cantavam em coro manifestações contra o presidente da câmara dos deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), que na época orquestrava o legislativo através de uma ética protestante da elite extremamente sofisticada na qual, de alguma forma, o roubo e atentado com a República, à Democracia, era como um ato religioso, de boa-fé, da família. Clamavam por reforma política. O então Ministro da Cultura Juca Ferreira até tremia diante aquele fervor da multidão batendo o pé e gritando: Fora Cunha!!! Era realmente algo muito contemplante para quem realmente luta, ou pelo menos almeja, por um povo refletido capaz de conduzir a democracia: hábil para reivindicar contra o Estado. Por que havia ali muita gente com uma mesma motivação na qual ultrapassava a luta individual de cada um ali, havia um sentimento que unia todos, era uma vontade de ver um Brasil melhor com instituições sérias e humanitárias. Que contemplasse a vida e a libertação do indivíduo.

Este compartilhamento de aspirações pode ser logo observado no início do evento quando iniciaram a conferência com a música tema 'Clandestino de Manu Chao'. O silêncio no qual ouviam era vibrante, e o sentimento que emergia com o compartilhamento de aspirações apresentadas pela música, entre aquele monte de gente, era conquistador, soava como hino:

“Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Corres es mi destino
Para burlar la ley
Perdido em el corazon
De la grande Babylon
Me dicen el clandestino”

Esta primeira parte da música mostra a realidade da vida social, não só no Brasil mas também entre aqueles que contemplam dessas aspirações, contra a dominação e ao péssimo funcionamento do Estado. Mostra como o indivíduo está solitário, sem amparo social, que o destino é agitado e que o indivíduo está do lado oposto ao do Estado, deve burlar a lei pois as sanções são amorais: um coração perdido na cidade grande e 'evoluída', para viver aqui só de forma clandestina.

Mas também não podia ser muito diferente, como o povo, em enorme parte, está alienado através das ideologias sofisticadas. Se contentam ao obter o mínimo. Trabalham e produzem a riqueza de um país rico qual é sempre exportada para o estrangeiro. Entregam a riqueza do país e deixam aqui a pobreza e a conta do prejuízo financeiro. As instituições nacionais se transformam em algo cada vez mais obsoleto e o brasileiro fica diante um cenário cada vez menos humanitário e libertador. Com as leis servindo cada vez mais a dominação da riqueza do Brasil por grupos financeiros e o brasileiro sujeito a tudo isso sem formas de protesto ou reivindicação. Essas duas últimas palavras são, na verdade, a gênese da resistência e recondução da democracia no Brasil e a ascensão da vida social.

“Pa' una ciudad del norte
Yo me fui a trabajar
Mi vida la dejé
Entre Ceuta y Gibraltar
Soy una raya em el mar
Fantasma em la ciudad
Mi vida va prohibida
Disse la autoridade.”

Seguindo, a música mostra como o indivíduo é obrigado a abdicar de sua própria vida para trabalhar para o sistema, e que deste modo vive como um fantasma ou um robô, que aquela vida na qual inclinava suas aspirações é proibida pelo Estado. Como se todo mundo estivesse vivendo para servir um Sistema e não à sua

própria libertação para uma vida cada vez mais sadia. Que o sistema obriga o indivíduo a largar sua própria vida e aspirações para dar lugar a motivação do sistema. O Estado dominado por grupos focados no poder transfere a inclinação do sistema capitalista (do mercado) para além do mercado e traz para as instituições, o que faz das motivações do sistema algo institucional, é como se o Estado estivesse falando: Não vivas como queiras mas sim como digo.

É uma conjuntura extremamente vertical, de cima para baixo qual o brasileiro vive. A democracia social é o regime político no qual o Estado é horizontal, inclusivo e libertador. O que nos permite dizer que o Brasil não vive uma democracia. O caminho para tal é através da reflexão e entendimento do todo social, atualmente a política brasileira é extremamente exclusiva, considera apenas alguns grupos, o resto é massa de manobra e pagador de dívida pública, qual deve ser lembrado e dito, dívida que não servem ao povo brasileiro! O Brasileiro precisa elevar seu espírito para além das especulações sobretudo midiáticas e procurar obter ganhos sociais práticos. Como por exemplo estabilidade social, saúde, moradia, lazer e acesso a artes. Hoje tudo isso no Brasil é extremamente exclusivo, privado e caro. As praças públicas apresentam condições precárias, portanto são cada vez menos palco de entretenimento e lazer. O acesso a arte legítima brasileira está praticamente extinto, preferem-se o forro ou sertanejo universitário a mpb. O funk e o rap que ainda apresentam uma produção legítima do gueto brasileiro é criminalizado e estigmatizado. Mas muitas vezes apresentam demandas sociais silenciadas pela mídia e instituições. Como na música *Burguesia* da banda paulista *De Menos Crime* pode-se notar que mesmo sem estudo, pobre e do gueto, o povo consegue refletir diante a realidade abrupta. E reivindicam da forma que estiver ao alcance, como as instituições são frágeis o alcance é curto. Uma forma artística legítima do gueto de passar reflexões das demandas sociais é o rap e o funk, que é uma espécie de poesia rítmica acompanhada de uma batida. Esses movimentos também estavam presentes no Emergências.

“A minha voz não calo, não sou otário, burguesia do caralho;
Sem medo eu falo a podridão domina o seu ciclo;
Seu estilo de vida pra mim fede;
Você abafa, despreza a plebe;
Mas no seu interior a pobreza te fere;
Você propôs a pena-de-morte;
Mais um de seus esquemas para acabar com os pobres;
Mas minha gente é forte e supera seus cortes;
Vocês produzem a miséria;
E nos impedem de chegar á nível social;
Enquanto minha gente se quebra e requebra;
Para se pôr o pão na mesa, sua lixeira transborda alimentos;
Não é sua fartura que me incomoda;
E sim a sua hipocrisia é que me sufoca, burguesia idiota.

Vocês produzem a miséria;
E nos impedem de chegar a nível social;
A burguesia fede.

Graças á sua maldita ganância;
Não podemos mais alimentar esperança;
Sua mania de grandeza;
Fazendo de tudo pra nos deixar por baixo;
Burguesia do caralho tem a polícia á sua disposição;
Não por vocês estarem cobertos de razão;
É que seu dinheiro fala mais alto, burguês cuzão;
Me dói ver tanto poder em suas mãos;
A favor da nossa destruição;
Na verdade você tem pavor de ser brasileiro;
Outra vez você está fedendo, sua arma é seu intelecto;
Me enoja ver você falar com certo ar de seriedade;

Prendendo nossas atenções na sua falsidade;
A mídia está ao seu dispor nos mostrando;
Como pobres coitados, delinquentes ou incapacitados;
E suas imagens como homens de fibra e coragem;
Quando na verdade são os pobres é quem dão o sangue;
Burguesia infame, De Menos Crime é o nome;
Ideologia é forte, se liga aí mané.

Vocês produzem a miséria;
E nos impedem de chegar a nível social;
A burguesia fede.

Descarrego o que está prezo;
Para doer no interior de quem nos dá o desprezo;
Nos intimidar (ha háa) é bem do seu feitio;
Lhe encarar á pra poucos;
Dos muitos que têm a vida por um fio;
Assim como eu acendi o pavio;
A minha paciência já se explodiu;
Na sua mente só habita dinheiro;
Dinheiro compra o homem em todos os sentidos;
Mas interiormente não trás benefícios;
Ser pobre é sentir na pele sua sujeira, burguesia nojenta;
Quando moleque seus herdeiros são marionetes;
Assim que crescem se vestem e não se esquecem.”

É legal observar como a periferia é capaz de construir ideias tão objetivas, claras e bem refletidas. Muito melhor do que dos próprios governantes. E que diante a reflexão enriquecem o espírito solidário entre aqueles que compartilham dessa aspiração, que é, na verdade, o verdadeiro povo brasileiro. Em outras palavras podemos dizer que essas músicas inspiram a moral cívica ao brasileiro. O publico para qual é destinado esse tipo de música é o povo da favela, pobre, oprimido. Na letra os artistas incitam exatamente a reflexão que propõe este trabalho: a burguesia como a dominadora do poder, cria as leis contra o povo e se legitima através de especulações arquitetadas enquanto na verdade, na prática quem trabalha e constrói a riqueza é o pobre. E no final mostra como o povo já esta impaciente por essas motivações plutocráticas burguesas. E como o poder mantêm essa tradição de ir contra o brasileiro.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povo brasileiro deve se libertar da dominação, almejar uma vida social inclusiva e libertadora. E isso só se dará quando o brasileiro se reconhecer como unidade e refletir a necessidade do todo. A especulação é muito sofisticada e ampla. Mas ela se alimenta na ignorância dos fatos, na obscuridade da política, na cegueira do brasileiro das suas próprias necessidades e deliberações políticas. Logo o povo deve reverter essa situação através do diálogo, do entendimento do todo, deve ir as ruas sempre que julgar necessário mas deve também obter conhecimento das deliberações públicas, o que está sendo tramitado nas casas civis e governo. Para, desta forma, promover manifestações contrárias ou a favor das deliberações e, assim, inclinar a política para o povo e a manutenção das instituições. Para assim este último se armar com educação e solidariedade contra a minoria, a burguesa dominadora.

REFERENCIAS

(WEBER, /Max. /**Political as vocation**. /From max Weber: /essays in sociology. / New York, / Oxford University Press / 1946.)
(DURKHEIM, /Émile. /**Lições de Sociologia**. / 1./ ed./ São Paulo:/ Martins Fontes,/ 2002.)
(FREIRE, /Paulo. /**Pedagogia do Oprimido**. / 14./ ed./ Rio de Janeiro:/ Paz e Terra,/ 1970.)
(RIBEIRO, /Darcy. /**O povo brasileiro: /a formação e o sentido do Brasil**. /16. /ed. /São Paulo: /Companhia das letras, / 2015)
(BURDEAU, /Georges. /**A Democracia: /Ensaio Sintético**. /3. /ed. /Europa-América, /1975)
(BOURDIEU, /Pierre. /**Firing Back: /Against the tyranny of the market 2**. /New York: /The New Press; /2003.)
(MARX, /Karl; /ENGELS, /Friedrich. /**Manifesto do Partido Comunista (1848)**. /vol. /227. /Porto Alegre: /L&PM POCKET, / 2013)